

Feminismo em quadrinhos: o retrato de duas épocas a partir das antologias *Wimmen's Comix* e *Womanthology*

Ana Luiza Schmidt Trippe Fernandes
Tarcísio Torres Silva

Resumo: O feminismo nos quadrinhos está cada vez mais em pauta, visto a evolução do movimento ao longo das décadas. Entretanto, esse feminismo se manifestou de diferentes maneiras, de acordo com o contexto do período. Este artigo busca estudar a manifestação dessas transformações por meio de duas antologias de quadrinhos feitas em épocas diferentes, “*Wimmen's Comix*” e “*Womanthology*”. Através de um estudo quantitativo e qualitativo das duas obras, compreendemos que elas de fato diferem em função do contexto em que foram produzidas, mostrando a influência das ondas feministas na produção cultural das duas épocas.

Palavras-chave: feminismo, quadrinhos, *Wimmen's Comix*, *Womanthology*.

Feminism in comics: a portrait of two eras based
on the anthologies *Wimmen's Comix* and *Womanthology*

Abstract: Feminism in comics is increasingly on the agenda, given the evolution of the movement over the decades. However, this feminism manifested itself in different ways, according to the context of the period. This article seeks to study the manifestation of these transformations through

Ana Luiza Schmidt Trippe Fernandes é graduanda em Jornalismo pela PUC-Campinas, bolsista de iniciação científica (CNPq). analschmidt19@gmail.com;

Tarcísio Torres Silva é docente do PPG em Linguagens, Mídia e Arte da PUC-Campinas, doutor em Artes Visuais pela Unicamp, orientador do trabalho. tartorres@gmail.com

two anthology of comics made at different times, “Wimmen’s Comix” and “Womanthology”. Through a quantitative and qualitative study of the two works, we understand that they in fact differ according to the context in which they were produced, showing the influence of feminist waves in the cultural production of both times.

Keywords: feminism, comics, Wimmen’s Comix, Womanthology.

Introdução

A década de 60 foi uma época de revoluções feministas. Foi nela que se estabilizou e se concretizou a Segunda Onda do Feminismo. As mulheres estavam cansadas de uma década inteira tentando se encaixar em padrões de feminilidade e o sistema que obrigava as mulheres a cuidarem do lar estava se demonstrando cada vez mais fraco (FRIEDAN, 1971):

As feministas da segunda onda buscaram a compreensão da origem da condição feminina, isto é, elas queriam entender as razões que fundamentam a opressão sofrida pelas mulheres (SILVA, 2019, p. 14).

Ainda segundo Silva (2019, p. 16), a terceira onda do movimento feminista veio como questionador das falhas da segunda onda:

As feministas de terceira onda questionavam o sentido de mulher levantado nos discursos da onda feminista que lhes precedeu, uma noção de mulher universal e indiscriminada, resumida essencialmente no seu sexo (SILVA, 2019, p. 17).

A ideia era reconhecer a variedade do movimento feminista. Interseções como as de raça e as de deficiência, começaram a aparecer. Isso ocorreu porque muitas mulheres e pessoas transgêneras não se identificavam com o feminismo defendido na segunda onda, por se tratar de apenas um tipo de mulher.

Enquanto isso, na quarta onda do movimento feminista, teve seu início assim como a sua fundamentação com o advento da internet. De acordo com Silva (2019, p. 31), “A quarta onda do feminismo é caracterizada principalmente pelo uso maciço da plataforma de redes sociais”. Assim, as mulheres se organizaram nas redes sociais para lutar pelo feminismo de diferentes formas.

O presente trabalho busca explorar como esses diferentes contextos de época do feminismo influenciaram no movimento feminista dos quadrinhos. Para isso, como objeto de estudo, foram analisadas duas antologias, uma produzida ao longo dos anos da Segunda Onda do Feminismo, *Wimmen’s Comix*, e outra lançada em 2011, época que cabe mais às terceira e quarta ondas do movimento feminista, *Womanthology*. A escolha das antologias em seu reconhecimento em unir as mulheres em torno de um projeto comum, ou seja, produzir quadrinhos a partir de suas perspectivas de mundo.

○ empoderamento depois da década de 50

Década de 50. Os homens haviam voltado da Segunda Guerra Mundial. O que Betty Friedam havia descrito como “Mística Feminina” voltou em seu potencial máximo:

O problema permaneceu mergulhado, intacto, durante vários anos, na mente da mulher americana. Era uma insatisfação, uma estranha agitação, um anseio que ela começou a padecer, em meados do século XX, nos Estados Unidos. Cada dona de casa lutava sozinha com ele, enquanto arrumava camas, fazia as compras, escolhia tecido para forrar o sofá, comia com os filhos sanduíches de creme de amendoim, levava os garotos para as reuniões de lobinhos e fadinhas e deitava-se ao lado do marido, à noite, temendo fazer a si mesma a silenciosa pergunta: “É só isso?” (FRIEDAM, 1963, p. 17).

Eis o que Betty Friedam chamou de “Problema sem nome”. Era o questionamento das mulheres na época. Elas queriam ser muito mais do que simples donas de casa, trabalhando sempre para o outro. Muito mais do que o que a Mística Feminina dizia e limitava para uma mulher. E assim nasceu a segunda onda do movimento feminista, ao qual as mulheres procuraram:

(...) opor-se aos pressupostos androcêntricos dos saberes dominantes e assim escapar à rigidez das proposições normativas e ao fechamento do pensamento binário estático do feminino e do masculino (...) tendo em vista conter os efeitos perversos de uma organização social, na qual os lugares e as atividades dos indivíduos são naturalizadas e hierarquizadas segundo o pertencimento a um sexo ou outro (DESCARRIES, 2000, p. 1).

Nos quadrinhos, a situação não foi muito diferente. Trina Robbins (2013) já dizia que “apesar da longa história de escritoras e artistas de campo, as mulheres eram uma raridade naqueles dias”.

Mas uma esperança já estava a caminho. “Um número crescente de mulheres vinham fazendo a si próprias essa pergunta. Como que despertando de um coma indagam: ‘Onde estou? ... Que faço aqui?’” (FRIEDAN, 1963, grifos da autora). Era o acordar para uma nova era. A era em que as mulheres viram que a Mística Feminina era algo impossível de ser seguida, que não atendiam às necessidades humanas das mulheres, que sentiam a necessidade de seguir vidas próprias, com seus protagonismos.

No ramo dos quadrinhos, assim como em vários outros, aconteceu um fenômeno já esperado: os homens não aceitaram dividir seus campos superiores. Não contratavam mulheres e cometiam diferentes tipos de violências contra elas.

Com relação ao mesmo setor de produção cultural, outro fenômeno deve ser considerado: o *Comic Code Authority*, um código de conduta da indústria de quadrinhos implementado nos anos 40 nos EUA. O cenário de sua criação é assim descrito por Park (2002):

O advento das histórias em quadrinhos no final da década de 1930 quase imediatamente provocou protestos sobre o que muitos críticos consideravam seu conteúdo vulgar. Na década de 1940, o psiquiatra Fredric Wertham entrou nesse debate duradouro com seus muitos artigos em periódicos populares e seu livro popular *Sedução dos Inocentes*. Wertham acrescentou mandado profissional a preocupações de longa data sobre decência; ele traduziu a questão em um problema psiquiátrico e descobriu que os quadrinhos eram uma causa de delinquência juvenil. Com a delinquência juvenil assim introduzida, as histórias em quadrinhos ganharam atenção crítica substancial. Um subcomitê do Senado, liderado pelo senador Estes Kefauver, foi encarregado de investigar os efeitos dos quadrinhos. As audiências deste subcomitê foram profundamente moldadas pelos interesses da indústria de quadrinhos e do próprio subcomitê. O depoimento de especialistas, especialmente o do próprio Wertham, foi usado como uma maneira de garantir legitimidade às conclusões do subcomitê, mesmo que essas conclusões propusessem um código de autocensura da indústria - o *Código dos Quadrinhos* - que Wertham acreditava ser contraproducente (PARK, 2002, p. 259).

Como forma de protesto contra o tal código, surgiram os quadrinhos *underground*. As mulheres quadrinistas, assim como seus parceiros masculinos, queriam protestar contra o tal código. Mas elas foram excluídas do próprio movimento *underground*, que muitas vezes representava as mulheres de maneiras esdrúxulas, normalizando as violências contra elas. Então, elas mesmas fizeram os seus próprios quadrinhos. E assim surgiram quadrinhos como *Is ain't me, baby* (1970) e *All Girl Thrills* (1971). Nomes como Trina Robbins, Willy Mendes, Jewel Wood, Nancy Kalish, Carole Kalish, Lisa Lyons, Meredith Kurtzman e Michelle Brand passaram a ser cada vez mais conhecidos no meio dos quadrinhos.

“Em 1972, Sharon Rudahl, recém-chegada de Madison, Wisconsin, onde desenhava quadrinhos políticos para o jornal *underground* local, *Takeover*, passou a morar na comuna de *San Francisco Good Time* e trabalhava em um jornal *underground*” (ROBBINS, 2013). Ela, Pat Moodian, Terry Richards, Lee Marrs, Michelle Brand, Lora Fountain, Aline Kominsky,

Shelby Sampson, Karen Marie Haskell e Janet Wolfe Stanley se uniram para produzir a mais famosa antologia de quadrinhos *underground* feita por mulheres: o *Wimmen's Comix*.

As histórias eram uma real crítica ao comportamento masculino dos quadrinhos na época. Os temas também eram femininos. Aborto, padrões de beleza, relacionamentos abusivos, dentre outros, eram retratados:

Para facilitar sua posição contra as representações misóginas das mulheres na mídia clandestina e na grande mídia, como jornais e televisão, a série explorou as técnicas e idéias do movimento de libertação das mulheres em geral. Em sua abordagem, a série inspirou-se especialmente na ampla arena da cultura impressa feminista, na qual se pretendia informar, por exemplo, o formato de antologia da série ou a decisão de formar um coletivo (chamado de *Comix Collective de Wimmen*) que julgava relacionado à publicação. Como outras publicações impressas feministas, o *Comix de Wimmen* teve como objetivo ajudar a mulher a alcançar a igualdade em uma sociedade misógina, especificamente o campo dominante do sexo masculino, e o formato de publicação em série facilitou esse objetivo (MISEMER, 2019, p. 7)

Com um formato de antologia, com cada autora escrevendo e desenhando uma história, *Wimmen's Comix* é dividida em 13 volumes, sendo que a editora *Last Gasp* foi a responsável pela distribuição até o décimo volume. Os outros três foram responsabilidade da *Renagate Press*, com exceção das três últimas edições, dadas na mão da *Rip Off Press*. A circulação durou de 1972 a 1992.



Figura 1. Capa do número 1 de *Wimmen's Comix*
Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Wimmen%27s_Comix

Womanthology: novas tecnologias, velhos preconceitos

A internet causou uma revolução em relação à comunicação, e o feminismo não demorou a chegar com força na internet. Nunca antes no mundo se experimentou a comunicação global e rápida como experimentamos hoje (...) (SILVA, 2019, p. 23).

Como diz Cosme (2018), “nos anos 2000, surgiu uma possível ferramenta que foi apropriada por quem ficava à margem da produção de HQs, passou-se a vincular os quadrinhos na rede internacional de computadores, a internet”. E foi pela internet que o projeto *Womanthology* deslançou. Em 2011, a quadrinista Renae de Liz acompanhava várias desenhistas em seu *Twitter*. Decidiu que queria fazer um trabalho que reunisse todas elas de uma só vez. Como diria Trat (2009, p. 151-152), as mulheres, “apesar das diferenças, zelam pelo pleito universal da igualdade de direitos que as unem pela sororidade”. Liz só precisou de uma sugestão de sua amiga, a também quadrinista Jéssica Hickman, para fazer uma antologia.

Liz ficou surpresa com a quantidade de comentários em resposta ao seu *tweet*: mais de 140. Todos eles de mulheres que aceitaram fazer parte de seu projeto:

Parecia uma ideia muito grande para eu lidar na época, então eu a mantive como um projeto de “algum dia” ... mas depois que Jessica mencionou isso para mim várias vezes ao longo de alguns meses, finalmente perguntei online se alguma mulher estaria interessada em fazer uma antologia - e naquele dia havia mais de 100 colaboradoras! Naquele momento, achei que deveria dar o salto e seguir com a ideia (LIZ, 2012).

Em junho de 2011, Renéa e as outras quadrinistas criaram websites, elaboraram mais claramente o nome *Womanthology* e o tema, definiram o que cada uma faria no projeto, planejaram a postagem no *Kickstarter*. Para isso, grupos em várias redes sociais foram criados. “A logística por trás de uma antologia dessa magnitude foi incrivelmente complicada” (THE WOMANTHOLOGY TEAM, 2011, p. 4).

Após essa etapa, a procura por uma editora começou. A *IDM Publishing* aderiu ao projeto. De acordo com *The Womanthology Team* (2011), ter uma editora de grande escala mundial deu credibilidade para o projeto. “Um mês após o seu início, a *Womanthology* tinha uma editora, mas, como o projeto era para caridade, ainda era necessário fazer um financiamento para cobrir os enormes custos de impressão” (THE WOMANTHOLOGY TEAM, 2011, p. 4).

Depois de várias semanas, Liz finalmente postou o projeto, com a meta de 25.000 dólares, de 7 de julho de 2011 a 7 de agosto de 2011. A meta foi alcançada 19 horas depois. Com uma semana restante, 74.000 dólares já haviam sido arrecadados. No total, foram mais de 109.000 dólares, com mais de 2.000 apoiadores de mais de 10 nacionalidades. Em 2015, pela mesma editora, foi lançado um compilado das cinco edições de *Womanthology: Space*.

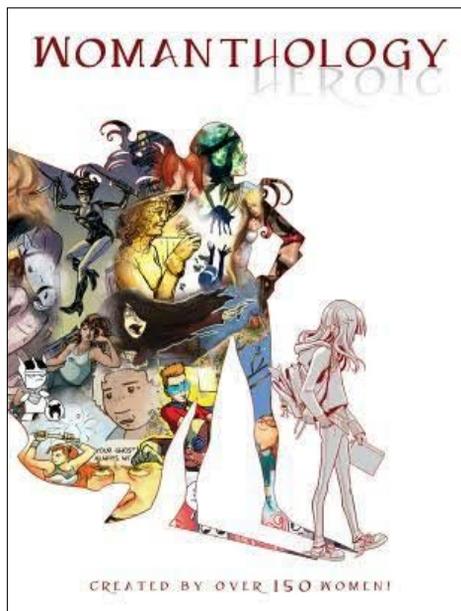


Figura 2 - Capa do primeiro volume de *Womanthology*
Fonte: https://books.google.com.br/books/about/Womanthology.html?id=oY_frQEACAAJ&source=kp_cover&redir_esc=y.

Enquanto as quadrinistas faziam seu projeto autoral, *Womanthology*, a *DC Comics* lançava os famosos *Novos 52*. 12% das pessoas que trabalhavam na empresa na época eram mulheres. Mas as mulheres envolvidas no projeto em específico eram apenas 1% do total da equipe. As 11% restantes foram demitidas. Uma prova do que a Trina Robbins falou. Apesar da grande redução desse fenômeno nos últimos tempos, as mulheres ainda não eram aceitas em trabalhos liderados por homens cisgêneros. “Talvez uma das razões pelas quais os quadrinhos da Marvel e da DC não sejam mais amigáveis para as mulheres é porque sua base de fãs majoritariamente masculinos cisgêneros não quer que sejam» (ROBBINS, 2013. Grifos da autora).

Nesse trabalho, procuramos comparar o movimento feminista nos quadrinhos com o contexto político da época. E para tanto, escolhemos comparar as duas antologias a fim de verificar as diferenças e semelhanças entre elas.

Metodologia

Para se fazer a comparação entre as duas antologias, foram produzidas fichas decodificadoras, uma para cada história, tanto de *Wimmen's Comix* quanto de *Womanthology*. Cada ficha foi dividida em duas partes. A primeira analisou o perfil dos personagens presentes nas tramas. Essa primeira parte foi ainda dividida em duas partes, uma analisando o perfil dos personagens principais e a outra, os personagens secundários, sendo considerado secundário qualquer personagem que não seja o protagonista da história. Essa primeira parte, dentre os personagens, secundários ou principais, foi dividido nas categorias gênero (se referindo à identidade de gênero das personagens), classe social (podendo ser ela rica, pobre ou não identificada), religião, deficiência, sexualidade e cor (essa última se referindo à etnia do personagem).

A segunda parte buscou analisar a história em si, sendo tal análise dividida em quatro categorias: feminista (todas as histórias eram feministas, pois mostravam mulheres em sua plenitude). Mas algumas histórias tinham um certo tom educativo, falando sobre temáticas feministas diretamente. Por isso, optou-se por um sistema de duas opções, em que se marcava um x em pelo menos uma delas: (direta e indireta), roteiro (referindo-se se era original ou adaptado, ou seja, sem ou com inspiração direta em algum fator da vida real ou obra cultural, referindo-se a livros ou filmes), heroínas (analisando se as histórias envolviam poderes mágicos - com poderes - ou não - sem poderes) e gênero da história (dessa vez optando pela escrita do gênero, visto que tal categoria tinha muitos itens, o que seria extenso demais para se colocar em uma ficha decodificadora).

Depois do fichamento, foram feitas diversas tabelas, para depois calcular a percentagem das tabulações. A partir desse trabalho quantitativo, foi feita ainda uma análise qualitativa comparativa entre as duas antologias, considerando os dados coletados e contexto sociocultural das produções.

Análise de resultados

Personagens

Principais

Em relação aos personagens principais, em *Wimmen's Comix*, 78% dos protagonistas foram mulheres cisgêneras, ou seja, que se identificam com o gênero designado ao nascer. 11% eram homens cisgêneros. 6% tiveram o gênero não identificado, normalmente sendo animais ou seres místicos. 0,5% dos personagens se identificaram como homens transgêneros, além de 0,5% dos personagens eram mulheres transgêneras. Além disso, 4% dos personagens apresentavam características andróginas, sendo muito provavelmente pessoas intersexe, ou seja, pessoas que naturalmente, sem nenhuma intervenção médica, desenvolvem características sexuais tanto masculinas quanto femininas, ou pessoas transgêneras. Enquanto isso, em *Womanthology*, 81% dos personagens principais foram identificados como mulheres cisgêneras, 16% como homens cisgêneros, além de 3% dos personagens não tiveram o seu gênero identificado.

Em relação à classe social dos personagens principais, em *Wimmen's Comix*, 8% se demonstraram ser pobres, enquanto que 46% dos personagens eram ricos. Além disso, em 46% dos casos, não foi possível identificar a classe social de tais personagens. Já em *Womanthology*, 14% dos personagens principais eram pobres, enquanto que 61% eram ricos. 25% tiveram a classe social não identificada.

Em relação à religião dos personagens, em *Wimmen's Comix*, em 89% dos casos não foi possível identificar a religião dos personagens principais. Em *Womanthology*, essa percentagem foi de 97%. As religiões identificadas foram judia (1%, tanto em *Wimmen's Comix* quanto em *Womanthology*), grega (0,5% em *Wimmen's Comix* e 1% em *Womanthology*), cristã (6% em *Wimmen's Comix* e 1% em *Womanthology*), egípcia (0,5%

em *Wimmen's Comix*) e thãnismo, uma religião típica do Vietnã (0,5% em *Wimmen's Comix*). Além disso, em *Wimmen's Comix*, 2% dos personagens principais demonstraram ter crenças religiosas, mas que não foi possível identificá-las visto que não eram famosas.

Em relação à deficiência, em *Wimmen's Comix*, 92% das personagens principais não revelaram ter nenhuma deficiência. Esse número foi maior em *Womanthology*, 98%. As deficiências identificadas foram visão monocular (0,5% em *Wimmen's Comix*), hipertricose (0,5% em *Wimmen's Comix*), depressão (0,5% em *Wimmen's Comix*), bulimia (0,5% em *Wimmen's Comix*), ansiedade (0,5% em *Wimmen's Comix*), Transtorno Obsessivo Compulsivo (0,5% em *Wimmen's Comix*), câncer de mama (0,5% em *Wimmen's Comix*), câncer no testículo (0,5% em *Wimmen's Comix*), eczema (0,5% em *Wimmen's Comix*), lúpus (0,5% em *Wimmen's Comix*), infecção crônica por fungos (0,5% em *Wimmen's Comix*), surdocegueira (1% em *Womanthology*) e esquizofrenia (0,5% em *Womanthology*). Em *Wimmen's Comix*, em 3,5% dos casos, os personagens principais revelaram ter alguma deficiência, mas esta não foi identificada pelos personagens. Ou seja a história não revelava qual é a deficiência desses personagens.

Em relação à sexualidade, em *Wimmen's Comix*, 37% dos personagens principais se identificaram como heterossexuais, pois eram mulheres que se relacionavam apenas com homens ao longo de suas respectivas histórias ou homens que se relacionavam apenas com mulheres ao longo de suas respectivas histórias. Na mesma antologia, 52% dos personagens principais não tiveram suas sexualidades reveladas, visto que não se relacionavam com ninguém e não se revelavam assexuais. Em *Womanthology*, essas duas percentagens foram, respectivamente, 21% e 76%. Tivemos ainda casos de personagens principais LGBT+s. Lésbicas, no caso de mulheres que se relacionavam apenas com outras mulheres (7% no *Wimmen's Comix* e 3% no *Womanthology*) e bissexuais, quando os personagens se relacionavam com mais de um gênero (1,5% no *Wimmen's Comix*).

Em relação à cor, a predominância foi da branca, com 62% no *Wimmen's Comix* e 80% em *Womanthology*. As outras cores encontradas fo-

ram negra (22% em *Wimmen's Comix* e 7% em *Womanthology*), asiática, referindo-se a descendentes de países do oeste asiático (5% em *Wimmen's Comix* e 8% em *Womanthology*), não identificada, normalmente referindo-se a animais ou seres mitológicos (8% em *Wimmen's Comix* e 5% em *Womanthology*), latina, esta especificamente referindo-se à origem do personagem, de países latinos (1% em *Wimmen's Comix*) e indígena (2% em *Wimmen's Comix*).

Secundários

Em relação à identidade de gênero, em *Wimmen's Comix*, 43% dos personagens secundários são mulheres cisgêneras, enquanto que 45% eram homens cisgêneros. Em *Womanthology*, 42% eram mulheres cisgêneras, enquanto que 49% eram homens cisgêneros. O aumento do número dos homens cisgêneros se dá porque os homens das histórias eram mostrados a partir do ponto de vista feminino, em que as mulheres eram protagonistas da sua vida. Ainda houve casos de personagens em que a identidade de gênero não foi identificada (10% em *Wimmen's Comix* e 9% em *Womanthology*), mulheres transgêneras (0,6% em *Wimmen's Comix*), homens transgêneros (0,6% em *Wimmen's Comix*) e personagens em que a identidade de gênero não foi identificada, mas que suas aparências davam a certeza de que se tratavam ou de pessoas transgêneras ou de pessoas intersex (0,6% em *Wimmen's Comix*).

Em relação à classe social, em *Wimmen's Comix*, 34% dos personagens secundários eram ricos, enquanto que 10% eram pobres. Em *Womanthology*, 51% eram ricos, enquanto que 8% eram pobres. Houve casos de personagens secundários em que a classe social não foi identificada (56% em *Wimmen's Comix* e 41% em *Womanthology*).

Em *Wimmen's Comix*, em 91% dos casos não foi possível identificar a religião dos personagens secundários. Em *Womanthology*, essa percentagem foi de 96%. Também houve casos de religião grega (0,75% em *Wimmen's Comix* e 3% em *Womanthology*), cristã (3% em *Wimmen's Comix*

e 1% em *Womanthology*), egípcia (0,25% em *Wimmen's Comix*) e judia (2% em *Wimmen's Comix*). Também houve casos de personagens em que a religião claramente não era cristã, mas que não foi identificada (3% em *Wimmen's Comix*).

Em *Wimmen's Comix*, 97% dos personagens secundários não têm deficiência. Essa percentagem, em *Womanthology*, foi de 99%. As deficiências identificadas foram visão monocular (0,3% em *Wimmen's Comix* e 1% em *Womanthology*), ouve por apenas um ouvido (0,3% em *Wimmen's Comix*), cegueira (0,6% em *Wimmen's Comix*), diabetes (0,3% em *Wimmen's Comix*), tumor cerebral (0,3% em *Wimmen's Comix*), depressão (0,3% em *Wimmen's Comix*). Houve casos de pessoas que revelaram ter deficiência, mas que não revelaram qual era (1,8% em *Wimmen's Comix*).

Em *Wimmen's Comix*, 42% dos personagens secundários se identificaram como heterossexuais, enquanto que 55% não teve a sua sexualidade identificada. Essa percentagem, em *Womanthology*, foi de, respectivamente, 21% e 76%. Houve também casos de personagens LGBT+s: lésbicas (1,8% em *Wimmen's Comix* e 3% em *Womanthology*), bissexuais (0,15% em *Wimmen's Comix*) e gays (1,05 em *Wimmen's Comix*).

A cor dos personagens secundários, em *Wimmen's Comix*, foi majoritariamente branca (71%), assim como foi em *Womanthology* (80%). As outras cores identificadas foram asiáticos (16% em *Wimmen's Comix* e 8% em *Womanthology*), negros (3,3% em *Wimmen's Comix* e 7% em *Womanthology*), indígenas (1,2% em *Wimmen's Comix*) e latinos (3% em *Wimmen's Comix*). Também houve casos de personagens secundários em que a cor não foi identificada (6% em *Wimmen's Comix* e 5% em *Womanthology*).

História

Em relação ao item *Feminista*, percebeu-se, ao longo da pesquisa, que todas as histórias eram feministas, pois apresentavam mulheres em sua naturalidade, sem nenhum estereótipo. Mas, tanto em *Wimmen's Comix* quanto em *Womanthology*, algumas histórias abordavam diretamente te-

máticas ligadas ao feminismo. As que abordavam o feminismo de maneira direta, em *Wimmen's Comix*, foi de 49%, enquanto que a de *Womanthology* foi de 16%. Já as histórias feministas indiretas foram um total de 42% do total. Em *Womanthology*, essa percentagem foi de 81% do total. Houve ainda casos de histórias que eram feministas direta e indireta, que foram histórias que geraram certas dúvidas (8% em *Wimmen's Comix* e 3% em *Womanthology*).

As histórias também foram classificadas pelos seus roteiros, que podem ser adaptados ou originais. Ou seja, pode ser tanto baseado em uma história real ou outro conteúdo da *Cultura Pop* (no caso dos roteiros adaptados) ou então vindo da inspiração e criatividade das próprias quadrinistas (no caso dos roteiros originais). Em *Wimmen's Comix*, os roteiros originais representaram 79% das histórias e os adaptados, 12%. Em *Womanthology*, essas percentagens foram, respectivamente, 84% e 13%. Houve também casos de roteiros que eram originais e adaptados, que eram aqueles que misturavam elementos dos dois tipos de roteiro, como o caso de uma história em *Womanthology* que mostrou a Rainha Elizabeth I como uma agente secreta (9% em *Wimmen's Comix* e 3% em *Womanthology*).

As histórias também foram classificadas como aquelas que envolviam poderes mágicos, místicos e super-heróis (com poderes) e aquelas que não envolviam nada disso (sem poderes). Em *Wimmen's Comix*, a percentagem de histórias que envolviam algum tipo de poder foi de 11%, enquanto as que não envolviam, 80%. Já em *Womanthology*, essas percentagens foram, respectivamente, 30% e 51%. Houve também casos de histórias que envolviam e não envolviam tais poderes extraordinários, ou melhor, aquelas em que os personagens principais, sem poderes, enfrentavam antagonistas com poderes ou vice-versa (9% em *Wimmen's Comix* e 19% em *Womanthology*).

Em relação ao gênero da história, percebe-se que houve mais gêneros em *Womanthology* do que em *Wimmen's Comix*. Isso se dá pelo número de histórias. Em *Wimmen's Comix*, foram 126 gêneros em 330 histórias. Em *Womanthology*, foram 18 gêneros em 98 histórias. Em *Wimmen's Co-*

mix, os gêneros mais expoentes foram Relacionamentos (10% das histórias), Vida (5,4%) e Família (5,4%). Já em *Womanthology*, tais gêneros foram Aventura Mágica (34%), seguido de Super-Heróis (18%) e Aventura Espacial (13%).

Conclusões

Apesar das crescentes evoluções de interseccionalidade no movimento feminista (SILVA, 2019), a principal diferença encontrada entre ambas as antologias estudadas foi no formato de suas histórias. Enquanto que *Wimmen's Comix* apresentou um formato mais semelhante aos *Comix Underground* da época, com traços estilizados, histórias cotidianas misturadas com temáticas polêmicas, tais como sexo e drogas, além de abordarem temáticas feministas mais diretas, visto o contexto da inquietação feminina da época, *Womanthology* se preocupou menos em abordar o feminismo diretamente, além de apresentar um traço com muitas influências do gênero *Graphic Novel*, com narrativas mais aventurescas e que não envolviam muito temáticas polêmicas, e que apresentavam mulheres em sua naturalidade, normalmente com discussões feministas indiretas.

Nas décadas de 60, 70 e 80, as mulheres, cansadas de serem vistas como *reais ladys*, começaram a falar sobre questões como sexualidade, drogas, dentre outros assuntos ditos polêmicos, sob o ponto de vista feminino. As mulheres que fizeram parte da antologia *Wimmen's Comix* se reuniam em São Francisco, presencialmente, sem a presença da internet, mas fazendo parte do movimento de contracultura da época, o movimento *underground*.

Já no caso de *Womanthology*, percebeu-se que as mulheres que realizaram a antologia se reuniram online, forma essa que se tornou cada vez mais comum com o fator marcante da quarta onda do movimento feminista, que é o advento da internet. O conteúdo foi muito mais ligado a aventuras, apenas apresentando mulheres representadas em suas naturalidades, pois os contentamentos de épocas passadas, apesar de ainda presentes em

uma sociedade ainda machista, não são mais os mesmos. Isso explica, por exemplo, o fato de haver menor frequência em narrativas em torno das relações amorosas, no caso da segunda antologia.

Assim, de diferentes formas, percebe-se que as ondas dos movimentos feministas influenciaram na forma de produção e de organização das antologias feitas por mulheres. Esse fato demonstra que a produção cultural de cada época, vista a partir de metodologias de análise qualitativas e quantitativas, reflete as condições sociopolíticas em que foram produzidas e contribuem para a melhor compreensão dos valores primordiais ali presentes, assim como suas transformações temporais.

Referências

COSME, Luana Baliero. Quadrinhos e quadrinistas: uma análise das histórias em quadrinhos produzidas e protagonizadas por mulheres. In: 5^o *Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos*. São Paulo: USP, 2018. Acesso em: 21 de janeiro de 2020.

DESCARRIES, Francine. *Teorias feministas: liberação e solidariedade no plural*. Tradução de Tânia Navarro Swain (Universidade de Brasília). Textos de História, vol. 8, n^o 1, 2000.

FRIEDAN, Betty. *A mística feminina*. Petrópolis: Vozes. 1971.

MANNING, Dirk. Womanthology: A Modern Cinderella Story – The Dirk Manning Interview. *Bleeding Cool*, 2011. Disponível em: <<https://www.bleedingcool.com/2011/08/01/womanthology-a-modern-cinderella-story-the-dirk-manning-interview/>>. Acesso em: 12 de janeiro de 2019.

MISEMER, Leah. “Serial Criticism: Wimmen’s Comix Counterpart”. *Paints: the journal of the Comics Studies Society*, Vol. 3 no. 1, 2019, p. 6-26. MUSE Project, two: 10.1353 / ink.2019.0001.

PARK, David. Audiences of KEFAUVER’s comic books as a demonstration: decency, authority and domain expert, *Cultural Studies*, 16: 2, 259-288, 2002.

ROBBINS, Trina. *Pretty in ink: north-american womam cartoonists, 1896–2013*. Seattle: Fantagraphics, 2013.

SILVA, Jacilene Maria. *Feminismo na atualidade: a formação da quarta onda*. Recife: Independent published. 2019.

TRAT, Joseti. Movimentos sociais. In: HIRATA, Helena (Org.) *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: UNESP, 2009.

THE WOMANTHOLOGY TEAM. *Womanthology: Heroic*. San Diego: IDW Publishing. 2011.